

CANÇÕES DE BOCA DE NOITE PARA DOUTOS DE PÃO NA MÃO

ANDERSON GONÇALVES E GILBERTO TEDÉIA*

*Fácil demais, foi presa: servi de pasto em tua mesa.*** — Os lustrados pela “crise da modernidade”, volta e meia são puxados pelo pé, e a chata aí tem nome: é a vidinha, chamada pelos doutos de *Dasein*, negando-lhes assim, feito estalo, ainda que seguros do si-mesmo, as águas claras de quem tem fome por seu absoluto. Contudo, o *Brotgelehrt* de fé (na barriga cheia), mal amanhece, olho voltado para o futuro, sai penosamente à caça de sua bolsa de estudos, e o projeto devidamente seguro, como sempre, sob a axila esquerda: de pronto o clarão do meio-dia o cega — “momentaneamente”, pensa ele — eis a graça de uma instituição, a bolsa. Vacinado enfim do prosaísmo do mundo — sim, paga-se aluguel, as contas, um filminho; mas, acima de tudo, funcionário da humanidade a cavucar, devagar, as estruturas do texto eleito. Passada a eleição, o preço: jornais deslidos, amigos perdidos, horas passadas, amores partidos... “Ah, vidinha ingrata, fica entornando...”, lacrimeja com a rasteira na cabeça e a cara no pó. Diante da crise da *sáfe life*: chega-lhe o juízo soteriológico: trabalhar de picareta — na mão — a escavar o que está em frente, a historinha pessoal, ou mais nomeadamente, a própria cachola, uma duplicata vencida. Abafadas as canções iluminadas do encarcerado na sala de jantar, vê-se o mulambento solto no quintal enlameado armado com uma faca de mesa, cegados pelo dia que foi, prá cavar prontamente, feito toupeira, o mundão. “Êta vida besta, meu Deus”

Ambos do Departamento de Filosofia, FFLCH-USP, Anderson Gonçalves é Graduando e Gilberto Tedéia, mestrando.

** Os autores assinalam que este texto é o primeiro de um conjunto a compor suas *Canções*.